

# O lado de dentro da palavra: epistemologias e as imagens poéticas na semiosfera

*The inside of the word: epistemologies and poetic images in the semiosphere*

**Therence Santiago Alves Feitosa**  
thefeitosa.rock@gmail.com

Doutorando em Comunicação e Semiótica na PUC-SP.

**Ubiratan Silva Alves**  
ubiratan@usp.br

Doutor na área de Atividade Física, Adaptação e Saúde, subárea Antropologia, pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

## Resumo

O presente artigo pretende brevemente discutir a poesia como um instrumento válido no que tange à produção de conhecimentos plurais e significantes. Para isso foi necessário apresentar uma crítica à chamada ciência racionalista. O objetivo da pesquisa se concentrou em apontar possíveis caminhos a serem trilhados em relação às análises poéticas atreladas aos múltiplos fenômenos do cotidiano. Metodologicamente foi escolhido, enquanto natureza qualitativa, o método dedutivo, alicerçado por autores que desenvolveram referenciais bibliográficos que versam sobre o tema, como, por exemplo, Bachelard, Barthes, Foucault, Glissant, Lózman, Morin, Santos, entre outros.

**Palavras-chave:** epistemologia poética, linguagem, sistemas de imagens, semiótica da cultura.

## Abstract

This article intends to briefly discuss poetry as a valid instrument regarding the production of plural and meaningful knowledge. For this it was necessary to present a critique of the so-called rationalist science. The objective of the research has focused on identifying possible routes to be followed in relation to poetic analyses linked to multiple phenomena of everyday life. Methodologically a deductive method was chosen considering its qualitative nature, and it is supported by authors who developed bibliographic references which discuss the subject, e.g. Bachelard, Barthes, Foucault, Glissant, Lotman, Morin, Santos, among others.

**Keywords:** poetic epistemology, language, imaging systems, semiotics of culture.

## 1. O problema da razão

Nos discursos bem como nas práticas sociais, a ideia de razão, principalmente do século XVII em diante, começou a ser o grande objetivo buscado pela maioria dos pensadores ocidentais em relação à concepção do que é ciência e do que é conhecimento científico. Boa parte dos esforços humanos, segundo Boaventura de Sousa Santos (2004), era voltada para a produção de saberes que se concentravam em desenvolver teorias que buscassem certa forma de conhecimentos que fossem válidos enquanto estrutura dos próprios desenvolvimentos sociais, culturais, tecnológicos e econômicos das sociedades ocidentais.

O racionalismo científico oriundo da chamada “era moderna” não só determinou regras e métodos, como influenciou toda a produção de conhecimentos em nossas sociedades (ocidentais) desde então. Quase toda a produção de conhecimento “científico” se dava no cerne das classes dominantes (economicamente falando). Não que pensadores de outras classes não produzissem conhecimento, mas a maioria do conhecimento produzido, legitimado e muitas vezes aceito era o que aparecia apenas em pequenos “círculos”. Isso gerou uma tendência que se faz presente academicamente até os dias de hoje. No entanto, muitas pautas de discussões atualmente se concentram em desconstruir certas práticas e métodos científicos de

pesquisa como sendo os únicos, ou os mais relevantes, e é justamente isso, de maneira breve, que esse artigo visa discutir.

Bachelard (1988b), em sua introdução de *A poética do espaço*, apresenta a ideia de que o pensador formado na tradição filosófica racionalista deve se despir dos hábitos metodológicos de pesquisa e dos olhares unilaterais que essa linha do pensamento trabalha. Os métodos racionalistas engessados, e em sua maioria academicamente aceitos como válidos, devem ser repensados pelos pesquisadores. Nessa direção, surgem dois problemas: Quais razões levam determinados saberes a serem aceitos como mais qualificados do que outros? Quais possíveis formas de saberes podem ser consideradas conhecimentos significantes de fato? Bachelard (1988b), na obra referida, apresenta a poesia como uma forma de se pensar uma série de eventos atrelados às próprias dinâmicas do cotidiano, defendendo a poesia como um meio de produção de saberes contínuos e plurais. A ideia é desconstruir determinados vícios de pesquisas que se concentram (exclusivamente) em questões atreladas às produções biológicas, exatas ou tecnológicas. Não que pesquisas nesses campos não sejam importantes, mas é necessário ter em mente a importância de pesquisas científicas que contemplem outras áreas, abordando outros objetos. Não se pode considerar dado científico ou conhecimento científico somente o que é fruto de resultados objetivados, testados laboratorialmente ou quantificados estatisticamente. Esses tipos de conhecimentos produzidos não se apresentam como únicos e inquestionáveis. Nunes (2008) diz que

*A epistemologia enquanto projeto filosófico é indissociável da emergência e consolidação da ciência moderna. A epistemologia tomava como modelo uma das formas de conhecimento que se propunha a avaliar, a ciência. De teoria do conhecimento a epistemologia convertia-se em teoria do conhecimento científico (Nunes, 2008, p. 48).*

O que Nunes defende é que, em se tratando de questões epistemológicas, as mesmas tomaram um sentido de mão única, o qual contribuiu para a formação de inúmeros paradigmas científicos. Certos movimentos que a chamada ciência moderna apresentou levaram o próprio conceito de conhecimento para campos da chamada razão científica, campos esses construídos, conduzidos e moldados constantemente por interesses de determinadas classes sociais. Para a linha filosófica/científica racionalista, o argumento de Nunes traz certo desconforto.

O presente artigo sugere outras maneiras de olhar o conhecimento, bem como a produção do próprio conhecimento. Partindo de análises qualitativas enquanto natureza e de olhares dedutivos enquanto método, foi pretendido aqui estabelecer reflexões atreladas à poesia enquanto

viés de expressão/composição de sentidos (pensando aqui o termo e sua plenitude), ou seja, olhar a poesia enquanto um campo de produção de conhecimento válido e significativo. Para isso, referências bibliográficas que discutem epistemologicamente tais problemas formam os alicerces argumentativos da pesquisa.

Tratando-se da questão do método científico, Glissant (2005) propõe uma “poetização da prosa acadêmica”, uma espécie de metodologia libertária que se concentra na narrativa poética enquanto instrumento válido de análises. Feyerabend (1999) defende a ideia de um “anarquismo epistemológico”. Tal autor parte de uma intenção radical de romper com os travados métodos científicos comumente adotados nos principais círculos científicos, sugerindo uma liberdade metodológica que quebre paradigmas e limites estipulados por uma ciência que, em muitos casos, defende uma mão de via única no quesito métodos científicos ideais quando o assunto é a produção de conhecimento.

## 2. Dos sistemas de imagens

Pensando a ideia do objeto e suas múltiplas facetas e pensando a poesia nessa direção, Barthes (2001), em suas aventuras semiológicas, defende a ideia da inexistência de sistemas significantes de objetos em seu estado puro. Ele aponta a linguagem como uma espécie de instrumento de transmissão dos sistemas de imagens. Outro olhar desenvolvido por ele é de que o objeto pode construir, alimentar e expandir o subjetivo. Nessa relação entre o subjetivo e a tecnologia, o objeto acaba se tornando o que ele denomina de “infinitamente social”. Logo, toda relação estabelecida entre o objeto e o sujeito dentro de um contexto sociocultural transforma o objeto em uma coisa útil, atribuindo a ele (o objeto) um sentido efetivo; dessa forma, nenhum objeto escapa do sentido.

Dentro das nossas sociedades, as funções fomentadas em relação aos objetos acabam por significá-los em si mesmos. Isso se dá de maneira coordenada no âmbito simbólico e no classificatório. Tal fenômeno produz relações deslocadas, pois ocorrem uma representação do objeto e uma metonímia, um deslizamento sensorial. Nesses processos surgem pluralidades significantes organizadas, as quais, a partir da natureza codificada dos objetos, geram certa ação funcional, tornando o objeto, segundo Barthes (2001), “um mediador entre o homem e o mundo”. Nessa linha a poesia pode ser pensada como um objeto de significação sensorial, algo intrinsecamente atrelado ao “infinitamente social”. A poesia pode ser considerada esse “objeto”, plural, funcional e que se retroalimenta. No entanto, o racionalismo científico, em boa parte de suas ações reguladoras, recusa a poesia como uma forma de va-

lidar determinados fenômenos (cientificamente falando). Morin (2000), nesse sentido, diz que

*Nossos sistemas de ideias (teorias, doutrinas, ideologias) estão não apenas sujeitos ao erro, mas também protegem os erros e ilusões neles inscritos. Está na lógica organizadora de qualquer sistema de ideias resistir à informação que não lhe convém ou que não pode assimilar. As teorias resistem à agressão das teorias inimigas ou dos argumentos contrários. Ainda que as teorias científicas sejam as únicas a aceitar a possibilidade de serem refutadas, tendem a manifestar esta resistência. Quanto às doutrinas, que são teorias fechadas sobre elas mesmas e absolutamente convencidas de sua verdade, são invulneráveis a qualquer crítica que denuncie seus erros (Morin, 2000, p. 19).*

Muito da postura radical racionalista no que diz respeito à ciência se manifesta no sentido de se manter (exercer) determinadas estruturas de poder. O resultado disso (tendo como referência a citação acima de Morin) é certa manutenção de um dado domínio epistemológico. As teorias que sustentam tais intenções (de exclusividade do racionalismo) se fecham em si. Fazem isso buscando certa proteção no sentido de não se tornarem vulneráveis (ameaçadas pelo “novo”, pelo subjetivo, pelo poético).

Morin (2000) critica o posicionamento racionalista em se tratando dos seus convencimentos referentes às suas verdades absolutas. Foucault (2002) propõe discutir a norma e as regularidades no texto que ele chama de *A verdade sobre as formas jurídicas*, onde aponta que os saberes desenvolvidos pelos sujeitos servem para regular esses mesmos sujeitos em seus próprios conhecimentos (aprisionando-os em suas regras e normas). Nesse texto, ele dá a entender que se podem estabelecer relações com essa espécie de ação protetora (no que tange às teorias aceitas enquanto científicas). Foucault (2002), nessa direção, diz:

*Há alguns anos foi original e importante dizer e mostrar que o que era feito com a linguagem – poesia, literatura, filosofia, discurso em geral – obedecia a certo número de leis ou regularidades internas – as leis e regularidades da linguagem (Foucault, 2002, p. 04).*

Essas regularidades internas de linguagem colocam, dentro da tradição racionalista, a poesia em terreno marginal, periférico. Pensando aqui diretamente nos sistemas de imagens provocados pela linguagem, o que se tem é um estranhamento agudo entre a potência significativa da poesia e as estruturas (arquitetônicas) vitais do racionalismo. Contra isso, Bachelard (1988a), em sua *Poética do devaneio*, apresenta a possibilidade do olhar sensível desen-

volvido pelo “sujeito maravilhado pelas imagens poéticas”. Esse sujeito desenvolve sua consciência a partir de práticas metodológicas atreladas à fenomenologia, isso, segundo ele, relacionado a uma espécie de consciência criante, a qual se desenvolve em plenos processos socioculturais ativos (fenomenologicamente falando). Bachelard (1988b) aponta o risco das chamadas “cadeias de verdades racionais”, onde é criada uma “consciência de racionalidade”, fato esse que acaba impedindo construções mais plurais e significantes em se tratando das inúmeras possibilidades de construção/trânsito das imagens poéticas.

### 3. A imagem poética como um ser da linguagem

Lótman (1978) defende que, na constituição de sistemas de signos, os mesmos são marcados pela diversidade. Semioticamente falando, ocorrem inter-relações num mesmo espaço cultural, e isso gera diálogos diversos; logo, convivências culturais aparecem, o que acaba gerando novos signos. Isso, pensando em sistemas de artes, é algo potente, uma vez que daí nascem novas formas de expressão. Essa é a dinâmica que está na base dos múltiplos sistemas culturais; esses sistemas, por sua vez, podem ser compreendidos como profundas manifestações de linguagem. A semiosfera se apresenta como um espaço onde é possível compreender as relações e as conexões entre os múltiplos códigos em seus momentos de explosões culturais. Esses sistemas em suas causas diferentes servem como mecanismos que se contraem e se expandem constantemente. Esses fenômenos se relacionam com mecanismos básicos dos espaços semióticos, onde muitas vezes as chamadas irregularidades alimentam esses mesmos espaços. Isso possui uma característica heterogênea, onde a informação é transformada em texto, em imagem, em linguagem, fruto de processos tradutórios.

A cultura da diversidade enquanto manifestação humana se apresenta radicalmente contra uma ideia de regularidade e normatização, uma vez que, dentro da semiosfera, as pulsões rompem barreiras e mudam paradigmas. Semioticamente pensando, as construções significantes são permitidas e identificadas enquanto elementos dos espaços sociais, e esses se mostram recheados de diversidades vivas, fluidas e intensas. Pensando nessa fluidez, Bachelard (1988a) mostra que

*É preciso estar presente, presente à imagem no minuto da imagem: se houver uma filosofia da poesia, essa filosofia deve nascer e renascer no momento em que surgir um verso dominante, na adesão total de uma imagem isolada, no êxtase da novidade da imagem (Bachelard, 1988a, p. 95).*

Essa novidade da imagem só é possível se os espaços sociais estiverem sendo vividos de maneira plena, entrópica, sinestésica, poética. A cultura é a responsável direta pela proliferação de tais possibilidades. Em relação aos sistemas culturais de signos, é bom olhar atentamente para o que está nas dobras, no meio, nos cantos. Feito isso, diversas outras formas se apresentam imediatamente e de maneira mais desvelada. Morin (2000), nesse ponto, diz que

*A importância da fantasia e do imaginário no ser humano é inimaginável; dado que as vias de entrada e de saída do sistema neurocerebral, que colocam o organismo em conexão com o mundo exterior, representam apenas 2% do conjunto, enquanto 98% se referem ao funcionamento interno, constituiu-se um mundo psíquico relativamente independente, em que fermentam necessidades, sonhos, desejos, ideias, imagens, fantasias, e este mundo infiltra-se em nossa visão ou concepção do mundo exterior (Morin, 2000, p. 19).*

Morin se refere a essas dobras, esses cantos onde o pensamento pode se manifestar de uma forma flexível, variável, fantasiosa, isso porque o interesse direto consiste em construir imagens do excêntrico, do improvável, do imprevisível, do sensível ou do que Foucault (2002) chamaria de “anormal”. É justamente essa anormalidade que a poesia busca, uma narrativa que vise desvendar segredos, expor desejos e mostrar o escondido. O grande exercício do texto poético enquanto construtor de imagens consiste em possibilitar a visualização de signos em expansão/contracção, algo que seja produto do meio, fruto de intenções expressivas mais profundas, de linguagens curvilíneas, onde narrativas criativas se mostrem possíveis.

Essas linguagens estão atreladas a certa consciência, e essa consciência se caracteriza enquanto um ato humano independente de classes sociais ou interesses políticos. Bachelard (1988a) defende que a consciência imaginante vive a imagem poética. Pensando assim, é possível presumir que a poesia cause um efeito de mão dupla, pois, ao mesmo tempo em que expressa, se faz expressar; isso cria uma liga entre o poeta, o meio e o leitor, e essa liga se dá justamente através da imagem criada a partir do poema comunicado. Essa imagem não só forma a intenção, como dá suporte para a imaginação transitar por todos os lados possíveis. Lótmán (1981) aponta essa relação como sendo uma conexão profunda e não ortogonal entre o interno e o externo.

#### 4. A entropia poética como método

A semiosfera defendida por Lótmán (1978) enquanto um sistema dinâmico apresenta a possibilidade de en-

globar conjuntos de sistemas culturais. Isso acontece em um espaço onde é possível a produção de sentidos e de memórias. A imagem poética serve, nesse ponto, como uma base de organização interna, a qual está totalmente atrelada aos principais traços e fragmentos do mundo externo. Essa relação pulsante altera significativamente as percepções, uma vez que tudo dentro das relações sociais/culturais está em pleno processo de construção e desconstrução.

Encarando a poesia como uma produção efetiva humana, onde a imagem poética é desenvolvida, percebe-se que a mesma muitas vezes se encarrega de minuciosamente descrever e criticar determinados contextos socioculturais, trazendo à tona elementos ímpares de fenômenos pulsantes (relações bricoladas entre natureza/corpo/cultura), os quais fazem parte radicalmente das múltiplas estruturas cognitivas. Como negar a isso um caráter de conhecimento? Boaventura de Sousa Santos (2004) defende que é necessário hoje, mais do que nunca, certa ruptura com determinados paradigmas dominantes no campo da ciência. Ele descreve esses paradigmas da seguinte maneira:

*As qualidades intrínsecas do objeto são, por assim dizer, desqualificadas e em seu lugar passam a imperar as quantidades em que eventualmente se podem traduzir. O que não é quantificável é cientificamente irrelevante. Em segundo lugar, o método científico assenta na redução da complexidade. O mundo é complicado e a mente humana não o pode compreender completamente. As condições iniciais são o reino da complicação, do acidente e onde é necessário selecionar as que estabelecem as condições relevantes dos fatos a observar; as leis da natureza são o reino da simplicidade e da regularidade onde é possível observar e medir com rigor (Santos, 2004, p. 50).*

Essa crítica feita aos “tradicionais” métodos científicos, segundo Santos (2004), impossibilita que outros objetos mais intrínsecos, complexos e plurais sejam olhados e validados como conhecimentos relevantes nos campos da ciência. Pensando nessa direção, os equívocos da chamada “ciência dura” brotam aos montes. Como negar a importância de textos de um Kafka, Dostoiévski, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Bukowski, Manoel Bandeira, Saramago, Maiakovski, Fernando Pessoa, Kerouac, Oswald de Andrade, Rimbaud, Manoel de Barros, entre outros grandes gênios da literatura e da poesia, no que tange à produção de conhecimentos em múltiplos âmbitos (filosóficos/linguísticos/semióticos em se tratando de se pensar e interpretar os fenômenos diversos presentes nas tramas cotidianas)? Tais produções devem ser aceitas como interessantes instrumentos cartográficos.

Como afirmar que as leituras de mundo desses grandes pensadores/escritores estavam distantes da produção

de conhecimentos significantes em se tratando das intempéries que eclodiam nas diversas sociedades apresentadas nesses intensos textos e contextos? Como negar que em suas muitas palavras não se tinha um olhar atento para os principais fenômenos de seus tempos? Como não considerar suas narrativas válidas no sentido de se compreender as dinâmicas de seus meios?

Morin (2000) explica bem por que isso acontece:

*O paradigma desempenha um papel ao mesmo tempo subterrâneo e soberano em qualquer teoria, doutrina ou ideologia. O paradigma é inconsciente, mas irriga o pensamento consciente, controla-o e, neste sentido, é também supraconsciente. Em resumo, o paradigma instaura relações primordiais que constituem axiomas, determina conceitos, comanda discursos e/ou teorias. Organiza a organização deles e gera a geração ou a regeneração. Deve-se evocar aqui o “grande paradigma do Ocidente”, formulado por Descartes e imposto pelo desdobramento da história europeia a partir do século XVII. O paradigma cartesiano separa o sujeito e o objeto, cada qual na esfera própria: a filosofia e a pesquisa reflexiva, de um lado, a ciência e a pesquisa objetiva, de outro (Morin, 2000, p. 21).*

O olhar crítico a ser desenvolvido deve se concentrar em repensar esses paradigmas de origem cartesiana que muitas vezes atribuem menor importância a tudo que não atenda às regras e pressupostos metodológicos legitimados pelas ciências modernas objetivas e suas razões instrumentais. A grande empreitada poética hoje se concentra em desconstruir determinados padrões referentes à pesquisa científica, pois é só através de processos de deslocamentos valorativos no âmbito da ciência e sua real finalidade, em se tratando da produção de conhecimentos diversos, que novos/antigos objetos poderão ser olhados com mais cuidado. Nessa direção, a entropia poética se apresenta como uma forma de desconstrução de determinados padrões/regras. Isso pode servir como uma ferramenta de entendimentos de outros universos, logo, de novas formas de conhecimentos produzidos.

Pensando a poesia como um meio de comunicação flexível, a mesma pode ser encarada como um fenômeno de dentro do processo de intenção/expressão. Olhando na direção de um método de pesquisa não ortogonal, o que deve ser feito enquanto análise é uma concentração/atenção nas estruturas de linguagem, não na questão gramatical somente, mas sim na produção de sentidos (semioticamente pensando) oriundos dela.

De maneira qualitativa enquanto natureza e dedutiva enquanto método, a poesia possui uma clara função de desconstrução da própria palavra, uma vez que a essência concreta da razão poética implica uma potencialização

sensorial (estética), mesmo que para isso seja necessário ressignificar os conceitos de imagem tradicionalmente ensinados e culturalmente produzidos em relação aos significados das coisas (novas traduções).

Em outras palavras, o que deve ser buscado é certo deslocamento sensorial e conceitual, pois só assim um movimento de entropia é possível no sentido de combater as ordens e normas estabelecidas dentro das convenções sociais referentes ao cultivo das regularidades (isso, partindo do ponto de que há séculos somente algumas concepções de ciência são estimuladas, via de regra). Tal fato acaba gerando uma ideia de que alguns conhecimentos são maiores do que outros, não por conta de suas complexidades, mas sim por conta de tradições científicas estipuladas por grupos específicos que possuem o poder de manipular as diversas pesquisas e, conseqüentemente, classificá-las.

Contra isso devem ser feitas novas formas de pesquisas, outros caminhos devem ser trilhados, novos olhares para os mais variados objetos devem ser lançados, outras análises desencadeadas, os objetos, esmiuçados, admirados. A ciência do jaleco branco, do tubo de ensaio ou dos microchips deve dar mais espaço para as formas mais transversais, marginais, multidimensionais de produção de conhecimentos. Pinheiro (2013), nessa direção, diz que

*A poesia está nas artes e ciências das ruas, antes de chegar aos jornais, livros e palcos. Os poemas traduzem, nas letras, sílabas e ritmos, as tarefas e percursos que reverberam e desenham os espaços das cidades (Pinheiro, 2013, p. 29).*

Nesses espaços abertos, repletos de universos colidindo, unindo-se, confluindo tudo ao mesmo tempo, habita a poesia. Os registros desses fenômenos cotidianos mapeiam a própria rotina de vida, o ritmo das relações, as intempéries diversas que acontecem nas cidades. Pensando que em tudo isso certa complexidade é natural, surge a necessidade de emergência de novos olhares e outras produções que tratem/abordem os mais variados temas, isso intuindo dar-lhes a devida importância enquanto fruto da produção humana de conhecimentos significantes que se renovam todo o tempo todo dentro das pulsantes semiosferas. Pinheiro (2013), ainda nessa linha de raciocínio, aponta que

*A aceleração dos contágios entre séries culturais (poéticas, arquitetônicas, mobiliárias, culinárias, etc.) e aquelas midiáticas (rádio, jornal, televisão, cinema, vídeo) redesenhou e redistribuiu em vaivém formas porosas e não ortogonais (um cromatismo em filigrana de gestos e traços), aquém e além da razão dual, muito apropriadas para as*

*traduções interfronteiriças. Caem por terra os binarismos entre centro e periferia, matriz e variantes, espírito e matéria, visto que o acento não se coloca mais em totalizações unitárias, mas nos encadeamentos (sintaxe) do bordado do mosaico (Pinheiro, 2013, p. 33).*

Ou seja, a poesia ajudaria em possíveis desconstruções dos binarismos, das estruturais verticais, dos conceitos engessados atrelados à ideia de uma razão instrumental e classificatória. Pinheiro, em seu texto, refere-se à América Latina e suas múltiplas variações culturais, sociais e biológicas, onde tudo acontece não nas pontas, mas sim no meio, de maneira misturada, condensada, des-organizada, marchetada. A poesia enquanto narrativa do lado “tor-to” pode ser encarada como uma espécie de ferramenta de desconstrução de anestésias, de visões unilaterais, unidimensionais.

### Considerações finais

Colocados até aqui tais argumentos, mesmo que de maneira breve, a ideia foi discutir como a ciência na concepção da tradição racionalista impossibilita a ascensão clara de alguns conhecimentos enquanto científicos. A questão do método x ou y, em se tratando de validar qual conhecimento é aceito ou não, já está em pauta de discussão há certo tempo. É sabida a importância de possibilitar outros olhares, outras formas de se fazer pesquisa, principalmente referente a outros objetos em seus múltiplos ângulos e significados. A ação de pesquisa deve se concentrar em uma busca do que Bachelard (1988a) chama de “devaneio”, espaço onde todas as pulsões são provocadas pela poesia, a qual flui em uma boa inclinação, onde só conseguem transitar as consciências que estão em franco crescimento. Tal “devaneio” é aquele que se escreve ou que se pretende escrever no imenso universo que é uma página em branco ou um palimpsesto metamórfico e deslocado. O intuito é, através da escrita solta, atravessada, tecer outros sentidos, outras formas de pensamento, outros signos potentes.

Nessa direção Bachelard (1988a) ensina que

*Todos os sentidos despertam e se harmonizam no devaneio poético. É essa polifonia dos sentidos que o devaneio poético escuta e que a consciência poética deve registrar. À imagem poética convém o que Friedrich Schlegel dizia da linguagem: é “uma criação de um só jato”. São esses impulsos de imaginação que o fenomenólogo da imaginação deve tentar reviver (Bachelard, 1988a, p. 06).*

A ideia é compreender que esses intensos processos poéticos fazem parte do desenvolvimento de processos

criativos onde os poetas estão submersos em atmosferas pulsantes socioculturalmente falando; ou seja, a partir dos poemas e dos seus significados é possível olhar e refletir sobre os quadros diversos existentes dentro das diferentes sociedades. Isso acontece justamente em um transitar sensorial que desloca as cognições para todas as direções possíveis dentro dos variados contextos.

A poesia se forma no ímpeto da ação humana sensível. Tal ação é o auge da inspiração, e isso sempre se manifesta na palavra nova, no texto rabiscado, inscrito, talhado. Bachelard (1988a) aponta que no poema podem ser registrados sonhos e recordações; ou seja, no texto poético toda uma pulsão de vida é descarregada, construída, expressa, comunicada, impressa. Pensando em construções significantes e tendo a poesia como ferramenta para isso, Barthes (1987) mostra que

*Se leio com prazer esta frase, esta história ou esta palavra, é porque foram escritas no prazer (este prazer não está em contradição com as queixas do escritor). Mas é o contrário? Escrever no prazer me assegura – a mim, escritor – o prazer de meu leitor? De modo algum. Esse leitor, é mister que eu o procure (que eu o drague), **sem saber onde ele está**. Um espaço de fruição fica então criado. Não é a pessoa do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma imprevisão do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo. Apresentam-me um texto. Esse texto me enfara. Dir-se-ia que ele **tagarela**. A tagarelice do texto é apenas essa espuma de linguagem que se forma sob o efeito de uma simples necessidade de escritura. Não estamos aqui na perversão, mas na procura (Barthes, 1987, p. 08).*

Nesse sentido, pode ser observado que o espaço (a semiosfera) onde nasce a intenção comunicante é fundamental, pois a mesma é o meio onde tudo se conecta ou se desconecta de certa forma; ou seja, é nos “espaços” habitados pelas intenções de expressão que as palavras fluem e se expandem dentro de movimentos e circuitos contínuos, intermináveis.

Só por essas razões, a poesia já deveria ser encarada como uma excelente fonte científica de conhecimento produzido em se tratando de desenvolvimentos analíticos referentes aos meios/dinâmicas socioculturais. A procura defendida por Barthes (1987) se dá nos ajustes necessários dentro dos inúmeros sistemas de linguagens. Tais sistemas são resultados de construções de ações entre os sujeitos da cultura e os objetos da cultura. O resultado disso é o aparecimento de múltiplas séries de linguagens que criam nexos/ligas entre sujeitos e objetos dentro dos ambientes semiosféricos.

## Referências

- AGAMBEN G.; GLISSANT, E.; ZUMTHOR, P. 2013. *Voz. Pensamento. Linguagem*. Org. de Maria Rosa Duarte de Oliveira e Maria José Palo. São Paulo, EDUC.
- BACHELARD, G. 1988a. *A poética do devaneio*. São Paulo, Martins Fontes.
- BACHELARD, G. 1988b. *A filosofia do não. O novo espírito científico. A poética do espaço*. São Paulo, Nova Cultural. (Os Pensadores).
- BARBERO, Jesús Martín. 2013. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.
- BARTHES, R. 1987. *O prazer do texto*. São Paulo, Editora Perspectiva.
- BARTHES, R. 2001. *As aventuras da semiologia*. São Paulo, Martins Fontes.
- CANCLINI, Néstor Garcia. 2010. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.
- DELEUZE, Gilles. 1998. *Foucault*. São Paulo, Brasiliense.
- DELEUZE, Gilles. 1983. *Lógica do sentido*. São Paulo, Perspectiva.
- FEYERABEND, Paul. 1999. *Contra o método: esboço de uma teoria anárquica da teoria do conhecimento*. Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- FOUCAULT, Michel. 1996. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- FOUCAULT, Michel. 2002. *A verdade sobre as formas jurídicas*. Rio de Janeiro, NAU Editora.
- GLISSANT, Édouard. 2005. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora, Editora UFJF.
- LÓTMAN, Iuri. 1978. *A estrutura do texto artístico*. Lisboa, Editorial Estampa.
- LÓTMAN, Iuri; USPENSKII, Boris; IVANÓV, V. 1981. *Ensaio de semiótica soviética*. Lisboa, Livros Horizonte.
- MACHADO, Irene (org.). 2007. *Semiótica da cultura e semiosfera*. São Paulo, Annablume / Fapesp.
- MORIN, Edgar. 1977. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- MORIN, Edgar. 2000. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo, SP, Cortez; Brasília, DF, UNESCO.
- NUNES, J.A. 2008. O resgate da epistemologia. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80:45-70.
- PINHEIRO, A. 2013. *América Latina: barroco, cidade e jornal*. São Paulo, Intermeios.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. 2004. *Um discurso sobre a ciência*. São Paulo, Cortez.
- SCHNAIDERMAN, Boris. 1979. *Semiótica russa*. São Paulo, Editora Perspectiva.
- ZUMTHOR, Paul. 1993. *A letra e a voz: literatura medieval*. São Paulo, Companhia das Letras.

Artigo submetido em 15-11-2015

Aceito em 21-06-2016